

Vida literária e artístico

26 - ABRIL - 1962
NÚMERO 195

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

O Fruto Sazonado

por MÁRIO DIONÍSIO

NÃO é fácil compreender o fenómeno literário. Ele escapa-se a todas as esquematizações, previsões, orientações. É um terreno traiçoeiro para os vedores, um domínio, na verdade, misterioso, por mais que nos recusemos a reconhecer a existência de mistérios: nada está nele nunca definitivamente conquistado ou definitivamente perdido. O que naturalmente explica as reticências em que, tantas vezes, a crítica tenta estribar-se *entretanto* e muitos dos seus enganos escandalosos, que só o são, no fundo, para quem ignora a maravilhosa floresta de surpresas que toda a autêntica criação constitui. Se há autores que se afirmam numa vez — Tomás Mann escreveu, como se sabe, os seus *Buddenbrook* com vinte e cinco anos —, quando se formam lentamente, com demoras desencorajantes, aparentes paragens, enganosos recuos, como os das árvores, que desejaríamos ver robustas e copadas de um ano para o outro! E, como nem todas as árvores se desenvolvem no mesmo estilo e com os mesmos vagares, também esses autores evoluem sem remédio lá á sua maneira, perante a qual sempre acabaremos por sentir ridícula a nossa tesoura de podar e os nossos cálculos mesquinhos e por admitir que, em tal campo, tudo o que não seja esperar é talvez apenas insensato. Prever, que levandade! O que parecia bem lançado e de rendimento seguro, eis que de chofre seca e morre; o que, ao invés, se



Alves Redol

daria comprometido, lança corpo de repente (ou assim o supomos) e torna-se tão robusto e alto e sedutor como os mais altos, robustos e sedutores exemplares da floresta.

De que se faz um autor? Não só de generosidade, de simpatia humana, de vontade de afirmar e de afirmar-se, dessa paixão solidária que em arte sempre existe, mesmo sob a capa do cinismo e do desprezo que parece tanto em voga nestes tempos. Ao autor (pelo menos, á maioria dos autores) se poderá, creio eu, adaptar o que Guéhenno disse uma vez do professor: «É coisa bem misteriosa: não basta a um verdadeiro professor que as ideias que expõe sejam claras. Ele só se sente feliz se elas irradiam algum calor, de si mesmo contagioso, de tal modo que toda a aula acabe por tornar-se uma assembleia de espíritos felizes entre os quais ele vai aticando e fazendo erguer chamas. (...) É uma intensidade do ser, uma generosidade de acolhimento e de dádiva que o faz transmitir tudo o que ele próprio recebeu. É uma presença medianeira. É por ele que a corrente passa...».

Se substituirmos «professor» por

(Continua na página central)

Sem legenda

Quem sou?
Quem sou, que me inquieto
De ser e eu não conheço?
Quem és?
Quem és, ó cada um que passa?
Que íntima verdade
A nossa forma esconde?
Ah! não ter cada palavra
O definido numa pedra
E cada gesto a claridade
Duma fonte!...

ANÉMONA XAVIER DE BASTO

«FIGURA RECLINADA EM DUAS PEÇAS»



do escultor inglês Henry Moore

A conhecida e prestigiosa Galeria Tate, de Londres, adquiriu ao escultor Henry Moore a sua «Figura Reclinada em Duas Peças», n.º 2, 1960», recentemente colocada em devido lugar, na Sala de Escultura, e que reproduzimos agora. A Galeria possui agora vinte bronzes e gravuras de Henry Moore feitos entre 1931 e 1960, além de quinze desenhos

de abrigos anti-aéreos e vários outros esboços. A E. Pleydell-Bouverie, membro do Conselho de Amigos da Galeria Tate, em prestou-lhe um grupo de quadros impressionistas e post-impressionistas. Entre os artistas representados figuram Monet, Berthe Morisot, Cézanne, Bonnard e Vuillard. Estes quadros estão patentes ao público na Galeria 35.

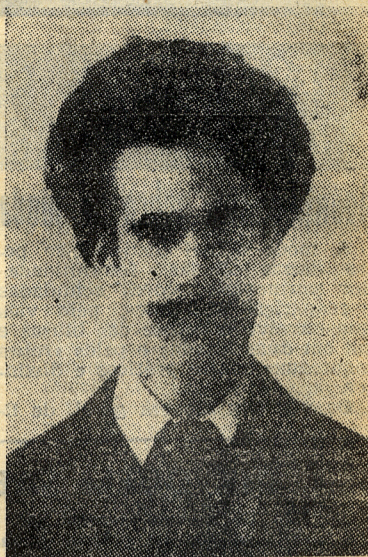
Brito Camacho

BRITO CAMACHO foi, acima de tudo, um jornalista apaixonado e lucido que deixou testemunho valioso da época em que viveu, e na qual doutrinou e agiu com inteligência e firmeza de carácter incomparáveis. A sua graça, por vezes contundente, não faz esquecer aos que o conheceram e admiraram, o encanto de um convívio em que a sensibilidade e a ternura se sobrepunham á ironia. Passou, há pouco, o centenário do seu nascimento quase despercebido. O cidadão incomparável que ele foi, o estadista, na mais legítima aceção deste termo, o idealista que, ao serviço da causa que abraçou quando estudante e á qual se conservou fiel, aguardam a consagração que lhes é devida. O homem de letras não é suficientemente conhecido do público do nosso tempo para ser justamente apreciado e estimado.

Pertenceu a uma geração que viveu, intensamente, o sonho da transformação profunda da vida nacional a partir da mudança de regime. Cursou a antiga Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa com distinção, apesar de ter por companheiros alguns nomes ilustres da medicina portuguesa contemporânea. Esteve algum tempo em Paris, a completar a sua formação, e regressou a Portugal quando a nação vibrava sob a afronta do ultimato inglês. A reacção que este suscitou é possível hoje avaliá-la em toda a sua extensão dignificante e purificadora. Brito Camacho foi dos que a sentiram profundamente e, por instinto, identificaram com os erros do regime vigente as origens daquele doloroso incidente diplomático.

Os seus primeiros trabalhos, raros e pouco conhecidos, foram a tese que elaborou (1889), de acordo com os regulamentos académicos, ao terminar o curso de medicina, e um pequeno livro editado em Beja (1894), com o título «A Propaganda» e o pseudónimo Emílio que

(Continua na página central)



Brito Camacho quando estudante da Escola Médica Cirúrgica de Lisboa onde concluiu o seu curso, escrevendo a «Herança Mórvida», o seu primeiro trabalho. Antes de se formar em Medicina, frequentou a Academia Politécnica do Porto, onde se matriculou em 1880

Geraldo França de Lima

—um romancista
estreante com grande
êxito no Brasil

Há tempo, talvez acidentalmente, o consagrado escritor brasileiro Guimarães Rosa leu o romance inédito de um autor quase desconhecido do grande público. O livro interessou-o vivamente e, por sua interferência, achou-se para ele um editor. Assim se revelou subitamente no Brasil um novo romancista de grande mérito, que longamente se deixara ignorar por não crer que um escritor desconhecido conseguiria vencer as barreiras de estreante. O romancista é Geraldo França de Lima e a obra intitula-se «Serras Azuis».

Professor e advogado, França de Lima já ultrapassou sensivelmente a juventude. Por isso, e porque uma cultura literária extensa lhe imprimiu densidade e voluntariosa sobriedade ao estilo de nato prosador, o romance inicial da sua carreira de escritor só agora começada impõe-se desde as primeiras páginas pela evidenciada maturação. Não



Geraldo França de Lima

tem as hesitações e as perplexidades muito aparentes da juventude. E o jogo dos caracteres como das situações, numa narrativa de exuberante pitoresco local, surge natural e francamente do realismo de observação que o gerou. «Serras Azuis» é a crónica animada, conciliando sábiamente o humorístico e o dramático, de uma pequena e ignota vila sertaneja. Mas desse mesmo localismo lhe resulta o universalismo intrínseco, pela verdade humana imediata da quase multidão de personagens que delineiam nas suas atracções e repulsas o conflito do viver quotidiano. A própria linguagem de França de Lima, deliberadamente filiada na corrente daqueles que pretendem dar á língua portuguesa do Brasil uma cor mais intensamente local, amolda-se com finura e flagrantia, com sabroso personalismo, á firme simbiose da realidade psicológica com a realidade de comportamento das suas personagens.

Esta arte, que em muitos passos faz lembrar os primeiros livros de Graciliano Ramos, é a arte de um genuíno escritor. Guimarães Rosa

(Continua na 24.ª página)

JUSTIÇA AOS TRADUTORES

A Fundação Príncipe Bernardo, na Holanda, atribui anualmente o Prémio Martinus Nijhoff, de 2000 florins (cerca de 16 contos) ao autor de uma obra de tradução que se distingue pelo gosto literário, fidelidade e perfeição. O prémio é alternadamente atribuído a tradutores de obras estrangeiras para holandeses e de obras holandesas para outras línguas. Realizou-se recentemente na Haia a entrega do prémio de 1960 — e desta vez, a título excepcional, dividido por tradutores de cada uma das categorias; o inglês Roy Edwards e o holandês Adriaan Morrien. O primeiro, habita há longos anos na Haia, onde trabalha como tradutor assalariado de uma importante empresa editora. Traduziu para o inglês obras

dos escritores holandeses Johan Fabricius, W. F. Hermans, Harry Mulisch, Marga Minco, Nijhoff, Simon Vestdijk, etc. Está a trabalhar, presentemente, na tradução do célebre romance «Max Havelaar», de Multatuli. O segundo laureado do Prémio dos Tradutores, Adriaan Morrien, é muito conhecido na Holanda como poeta e ensaísta e é director da revista «Literair Paspoort», que se consagra especialmente á divulgação e estudo da literatura mundial. Entre as obras traduzidas por Morrien para holandeses contam-se «Les Liaisons Dangereuses», de Laclos; «L'Étranger», de Camus; seis peças de teatro de Anouilh e várias outras de Jean Giono, Montherlant e Marcel Aymé; poesias de Beaudelaire, Mallarmé, Rimbaud, Apollinaire, René Char, Michaux, Paul Valéry, Max Jacob, etc.

Na alocução que proferiu, durante a cerimónia de entrega do Prémio, o tradutor Morrien sublinhou a necessidade de ser mais dignamente retribuído o trabalho de tradução, como o deve ser numa sociedade culta com consciência clara da importância dessa missão literária e intelectual. «Nesta generosa iniciativa do Prémio Nijhoff, declaro, vejo principalmente a preocupação de corrigir de algum modo a injustiça com que são tratados os tradutores».

Toda esta informação conduz a um remate que nos parece oportuno: — Porque não se associam os nossos editores, com contribuições que não precisariam de ser muito onerosas, para a instituição em Portugal de um Prémio aos Tradutores, consagrando o esforço dos que tornam possível o acesso do grande público leitor ás literaturas estrangeiras? Se não faltam queixas — até dos próprios editores — sobre a qualidade das traduções, também não faltam nesse domínio os trabalhos conscienciosos e literariamente meritórios. E a influência de um estímulo dessa natureza não seria, certamente, de desprezar.

